

Política econômica nem sempre dá voto

William Waack

Embalado por pesquisas de opinião, auditórios de televisão e um ministro com pinta de santo, o governo do Presidente Sarney vai direto ladeira abaixo em busca de outra chance que só aparece em uma geração: votos capitalizados pela credibilidade. "Nada fizemos por motivos eleitorais", repetem os ministros a cantilena.

Pode ser. Mas não utilizar para fins eleitorais, ou seja, para convencer as pessoas de que seus programas e métodos são os melhores, um Plano de grande impacto e considerável sucesso constituiria no mínimo uma grave afronta à teoria política — da qual os assessores da área econômica são bons leitores (de Maquiavel a Marx, para ficar em apenas quatro séculos de história do pensamento).

Um rápido apanhado de recentes exemplos, contudo, desincentiva qualquer lição simples. Na França, o Presidente François Mitterrand perdeu há poucas semanas uma importante eleição legislativa e todos disseram que a derrota não foi por culpa da economia. Ao contrário: o líder do partido socialista pôs em prática princípios econômicos melhor qualificados de conservadores, apertou sindicatos e cintos, mas deixou os números do desempenho francês no melhor estado dos últimos vinte anos. Os eleitores não deram grande importância.

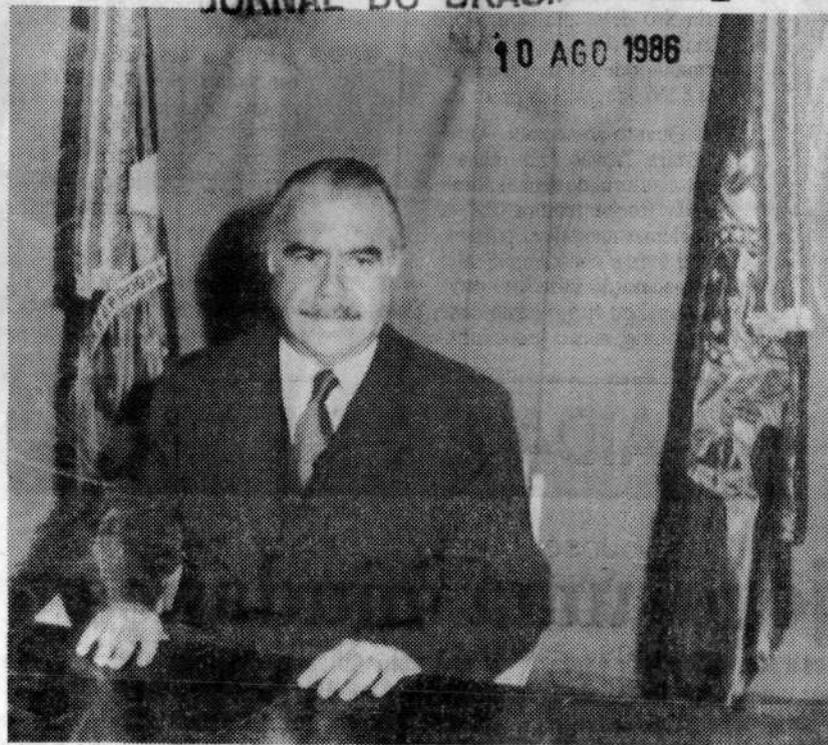
Margaret Thatcher, ao contrário, teria feito John Maynard Keynes revirar-se no túmulo com o rigor de sua política monetarista. Seus companheiros de partido conservador tiveram, de fato, estômagos revirados com a rigidez com que a **Dama de Ferro** aplicou sua política econômica, e que está levando o decadente Reino Unido a taxas inéditas, irremovíveis, de desemprego (além de graves conflitos trabalhistas e sociais, que alteraram bastante a tradicional imagem britânica — para turista ver — de tolerância e harmonia).

Não adiantou: com a guerra das Malvinas, em 1982, Thatcher assegurou um bônus eleitoral que lhe permitiu esmagar a oposição trabalhista nas últimas eleições gerais, em 1983. Para as próximas, em 87, seu cacife parece ter chegado ao fim, embora o descontentamento com a economia não seja a única causa. Um generalizado mal-estar com seu estilo de liderança política tem pelo menos o mesmo peso.

Liderança política foi o que o Chanceler (chefe de governo) alemão, Helmut Kohl, nunca desempenhou. Sua popularidade arranhou o porão pouco depois que subiu ao poder no lugar do competente (em se tratando de economia) Helmut Schmidt. Existe, porém, um dedicado

Ministro da Fazenda em Bonn: Gerhard Stoltenberg, e sua gestão fria e decisiva garantiu aos alemães um sentimento precioso de estabilidade — oposto ao trauma da inflação dos anos vinte, ainda marcado na memória coletiva — capaz de lembrar apenas o lendário Konrad Adenauer. Kohl pode ganhar as próximas eleições, em 1987.

Isto é o que o socialista Felipe Gonzales conseguiu há pouco na Espanha, e de maneira estrondosa. O que mais surpreende na sua impressionante vitória foram as voltas que deu. Subiu ao poder prometendo que a Espanha não entraria na OTAN. Consolidou-se como Primeiro-Ministro defendendo a permanência do país na aliança militar ocidental. Exe-



Presidente Sarney

cutou uma política econômica tímida, cautelosa, tornada ainda mais complicada pela entrada da Espanha na CEE. Muitos acham que foi o Pacto de Moncloa que ajudou.

Reeleger-se não será mesmo problema para Ronald Reagan: as leis americanas proibem que ele se candidate pela terceira vez. Sua última vitória, há quase dois anos, ocorreu contra um candidato que entendia mais de economia (Reagan não entende quase nada) e que não se cansou de apontar para o gigantesco rombo na caixa governamental em Washington — de resto, um motivo perene de preocupações em todo mundo. Péssimos resultados na balança comercial, queda do dólar e endividamento interno não chegaram aos ouvidos do eleitor americano comum, aquele do **real America**. Reagan ganhou apostando na imagem sobretudo política da recomposição da hegemonia global norte-americana e no confronto quase aberto com a União Soviética.

Nenhum desses exemplos, é óbvio, leva em conta o fato de que esses países não estavam lançando qualquer plano econômico de emergência ou de estabilização. O caso de Israel é difícil de ser mencionado. Nas eleições Jesse país de minúscula população (umas 3 milhões de pessoas), considerações políticas e a posição estratégica desempenham papel preponderante.

Sobrou a Argentina, que muitas vezes funciona bem como **espelho meu**. Alfonsín ganhou resultados espetaculares de popularidade pouco após o lançamento do Plano Austral, há mais de um ano. Preferiu, contudo, explorar habilmente o julgamento dos ex-integrantes de junta e a ameaça do renascente terrorismo de direita quando precisou ganhar eleições, no final do ano passado. Desde então, o Plano Austral acusou sérios sinais de derretimento.

Pesquisas sobre a popularidade do Presidente não têm sido mais publicadas.